

No lago, os «Batatinhas» deliciados com o pato.

## Notas do tempo

**23 DE OUTUBRO** — Passaram dez anos sobre os cem que celebrámos... ontem.

Deus é sábio e infinitamente bom. Distrai-nos do correr do tempo enquanto ele corre, quanto mais ele correu, em jeito de Quem dilata a nossa natural pequenez para que nela caiba a Eternidade. Uma impossibilidade só a Ele possível!

Mas real é que a nossa sensibilidade ao tempo — tão próximos nos parecem acontecimentos que muitos anos separam! — vai-nos acomodando ao Hoje sem fim para que existimos. Um sinal de que somos para Viver; e a morte, como a vida, não é mais que uma passagem entre um princípio e um fim, de valor zero relativamente ao Infinito para que fomos feitos. É zero na matemática dos homens, mas não nula na contagem de Deus.

Mais ou menos breve, ela é a condição de juntarmos ao essencial Desígnio da Misericórdia, o acidente

da nossa resposta — do que a Delicadeza Divina faz um todo. É o merecimento do homem, ele mesmo fruto da Graça que o homem não estorvou e a que aderiu; e Deus regista-o em seu favor.

Pai Américo costumava roubar à sua idade contando-a desde a ordenação sacerdotal: «O resto foi tempo perdido». Nestas contas estaria agora a chegar à idade em que morreu. Não importa. Mais ano menos ano, a vida é sempre breve. E ainda mais o foi aquele tempo de ir colhendo que vai do sacerdócio recebido até à morte: vinte e sete anos, apenas. Os outros quarenta e dois, porém, não foram perdidos. O tempo de semear nunca é perdido. E quanto mais parece sê-lo, quanto mais «em lágrimas» foi passado, tanto mais «em exultação» será a colheita, tamanha que o sementeiro não tem tempo de acabar e a deixa a outros — fonte de exultação para esses na medida das lágrimas que

cada um tiver derramado na sua hora de semear!

Não foi assim com o Mestre? Trinta anos escondido, três exposto à contradição — e as portas da Vida abertas para sempre a todos que aprenderam d'Ele a Humildade e a Mansidão!

**OUTUBRO** é rico de vivências do Evangelho dos Pequenos que nos chamam a atenção para os valores autênticos da Eternidade da qual, pela Graça, o tempo é preparação e, sem Ela, é desperdício.

Abre o mês Terezinha de Lisieux que pela circunstância do centenário do seu nascimento para o Céu e da sua proclamação de Doutora da Igreja, ainda mais se nos torna sugestiva da sublimidade dos caminhos da Sabedoria bebida da simplicidade e da coerência heróica entre o que se crê e o que se vive.

Continua na página 3

### Património dos Pobres

## Pouco a pouco as barracas vão desaparecendo

OS JORNAIS todos os dias dão notícia de muitas barracas que vão sendo demolidas e os seus ocupantes realojados. Ficamos sempre contentes com a demolição e muito apreensivos com os realojamentos. Grande parte dos seus habitantes não estão preparados para ocupar as habitações para eles construídas. Continuarão a fazer vida de abarracados... É necessário que as autarquias procurem prepará-los e acompanhá-los para uma vida humana digna.

A PRIMEIRA AUTARQUIA que nos pareceu em movimento foi Matosinhos, a construir, a alojar e logo máquinas a demolir para que as mansardas não sejam mais ocupadas.

A vizinha Maia não ficou parada. Dá-nos a impressão que é uma zona limpa.

Ao lado, Gondomar compromete-se: «Vamos fazer, a partir de agora, realojamentos e demolições semanais, de forma a termos todas as famílias alojadas até ao fim do ano, cumprindo integralmente o nosso plano».

O presidente da autarquia do Porto comprometeu-se, afirmando «acabar com a chaga das barracas. O fim (delas) está à vista». Muitas já foram demolidas, mas faltam ainda bastantes à volta do centro da grande Cidade.

VAMOS AO SUL, visitar Lisboa e arredores. Começamos pela beira-mar.

Sintra tenta resolver o problema da habitação dos Pobres. Já tem feito alguma coisa.

Cascais segue Sintra no mesmo plano, com muitos planos em mãos, à espera.

Amadora parece mais aflita. Tem seis mil e quatrocentas barracas e não vê, em terreno seu, lugar capaz e suficiente para a construção de tão elevado número de casas! O grande número de emigrantes carenciados são caboverdeanos — inquietantes.

Em Oeiras ainda encontramos pequenos bairros de lata. Alguns têm desaparecido, mas outros esperam ser substituídos.

Almada continua centro de escoamento para muitas pessoas à procura de alojamento. Acabar com o grande número de barracas dispersas e conseguir casas decentes é problema que preocupa a autarquia.

Loures já teve enormes aglomerados de barracas. Com a construção de grandes blocos desalojou bastantes dos seus ocupantes e agora parece mais limpa.

Entremos em Lisboa. Circundemos o aeroporto a ver o panorama pouco acolhedor e paremos nas Musgueiras.

Andam máquinas a destruir. Pela foto (junta) vemos muitos destroços e parte ainda de pé e habitadas, à espera de serem também destruídas. O vereador do pelouro da Habitação afirmou aos moradores: «Vamos acabar com este bairro. Até ao fim do ano de 1998 serão realojadas mais de novecentas famílias residentes na Musgueira-Sul. Desde 1990 a actual maioria municipal já demoliu mais de oito mil barracas e realojou os moradores».

Alegremo-nos pelo bem que se tem feito e esperamos que se faça cada vez mais e melhor.

Padre Horácio



Parte do bairro já está destruído. O resto irá a seguir.



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**MÃE AFLITA** — Naquele dia topámos a mãe de muitos filhos, que sofre doloroso calvário... ora carente de livros escolares para os ditos.

Nas Escolas, o critério normal é comprar material... e só depois a família receberá o subsídio oficial. Todavia, nem todos os comerciantes podem abrir crédito... aos Pobres.

Desta vez solicitámos um esclarecimento, também uma excepção, à Escola. E fomos bem sucedidos! Resposta:

— Em idênticas situações, com muita necessidade, acudimos na medida do possível, dado que não temos, ainda agora, verba para os anos de escolaridade desses alunos. No entanto, a mãe que venha já ter connosco...

Os estabelecimentos de ensino oficiais, como é óbvio, precisam realmente de elasticidade para servirem os alunos pobres — na hora própria!

Assim aconteceu. É uma nota que nos satisfaz, pois também gostaríamos de ser atendidos nas mesmíssimas circunstâncias.

**DEFICIENTE** — A baixa da mulher do deficiente, aqui referido, desequilibrava muito as já de si parcas finanças do lar!

Agora, pedem ajuda para «a renda deste mês» com uma lagrimazita nos olhos: —Temos necessidade!...

Depois, ele adianta com alegria: — No serviço já me passaram o quadro! E desfia mais pormenores: — O Fundo do Desemprego paga 60% do meu salário mensal (56.700\$00), a capacidade q'eu tenho. O estabelecimento onde trabalho dará o resto.

Aí temos outro problema resolvido, graças ao esforço dum vicentino. Acção em que cedemos ao Pobre a cana para poder pescar...

**PARTILHA** — Assinante 31104, de Lisboa, muito constante: «A falta de saúde impediu que cumprisse o contributo que o meu coração todos os meses dita, que não é um hábito mas considero uma oração». Samaritana que dá vida à procissão!

Mais cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados»; e «não precisam de agradecer» — disse.

Uma assídua visitante, assinante 38546, de Santo Tirso, deixa ficar mais seis mil escudos para os nossos Pobres.

De Pardelhas (Murtosa) um cheque da assinante 21358 «para o que houver de mais necessidade na Conferência de Paço de Sousa. Ofereço este contributo por alma do meu marido e outras minhas intenções». Damos relevo ao amor

matrimonial que perdura para todo o sempre!

Assinante 29845, de Lisboa, com «dez contos, pequeno contributo que peço o apliquem conforme melhor entenderem. Muito obrigada pela oportunidade que me dão de poder ser útil aos irmãos que necessitam de ajuda». Escutou a mensagem dos Pobres — e agiu na hora própria!

Fiares (Feira): A assinante 31254 «com a mensalidade de Outubro, mais dez mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, pequena ajuda para os remédios daquele doente a quem surgiu um mal incurável. Agradeço o anonimato, com o meu abraço amigo». Retribuímos com amizade. O topo da missiva cita um pensamento de Kasantzaki: «Pedi à amendoieira que me falasse de Deus e a amendoieira cobriu-se de flores». Vivam os poetas!

Coimbra fecha a procissão d'hoje com a presença regular da assinante 9708, que traz na mão um cheque de dez mil escudos, «pequena partilha para a conta da farmácia dos Pobres — por alma dos meus pais». Pensamento desta carta: «Vivo na alegria quando amo a simplicidade, a transparência, a bondade». O caminho da Vida...!

Mais um leitor que pergunta o endereço da nossa Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Ai está: alc do Jornal O GAIATO — 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**TRABALHO** — Finalmente, houve mudança de trabalho. Para alguns foi muito bom porque queriam ter mesmo outro serviço. Só temos novas mudanças para o ano que vem, se Deus quiser.

**TEMPO** — O mês de Outubro parece misto, chuva e sol, e bom para o cultivo das nossas terras.

**CRISMA** — Vai começar a preparação (prolongada) para a celebração do Crisma. Um grupo de rapazes será acompanhado e instruído na Catequese, pelo seminarista Manuel Mendes.

**OBRAS** — O nosso salão de festas ainda não está pronto, mas já foram renovadas algumas salas de aulas.

Vamos esperar que o trabalho corra bem aos nossos trocos.

**ESTUDOS** — Depois das aulas, os nossos rapazes têm uma hora e meia de estudo para fazerem os deveres escolares e estudarem para a aula seguinte.

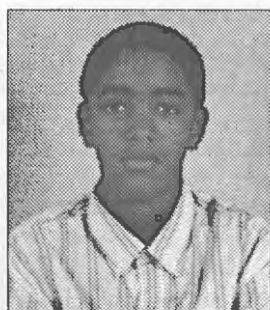
Organizar o calendário destes tempos não foi lá muito fácil porque nós somos muitos.

Rui Manuel Silva

**DESPORTO** — A 11 de Outubro recebemos o F. C. Café Estoril.

## RETALHOS DE VIDA

### Vando



Eu sou o Vando Monteiro Morais. Nasci a 19 de Outubro de 1984 na freguesia de S. Jorge de Arroios, concelho e distrito de Lisboa.

Antes de vir para a Casa do Gaiato, vivia só com o meu pai porque eles estavam separados. A minha mãe fumava muito e o meu pai ralhava com ela.

Ele não pagava a conta da água e da luz da casa onde morávamos porque os amigos do meu irmão roubavam-lhe o dinheiro. Puseram-nos então fora de casa.

Entretanto, arranjou um canto onde ficámos. Dormíamos no chão e não tínhamos cozinha nem quarto de banho.

Depois fomos para casa da minha avó, avisando a assistente social que preparou a minha vinda para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com o meu irmão, em 20 de Setembro de 1994.

Ando na Instrução Primária. Gosto muito da Escola, das professoras, dos nossos Padres. Gosto de estar na Casa do Gaiato porque tenho mais amigos para brincar.

Nas horas de serviço estou ocupado na sapataria. Quando for grande quero ser desenhador ou futebolista.

Vando Morais

Na primeira parte do jogo perdíamos por 1-2. Mas na segunda parte jogámos com três defesas e conseguimos chegar ao empate. Assistiu-se a um bom jogo de futebol.

Para marcação de jogos é favor escrever para Grupo Desportivo da Casa do Gaiato, 4560 Paço de Sousa; ou telefonarem para «Albufeira» 055-752285, «Cenoura» 02-570300 ou pelo fax 055-753799.

**MOTOCICLISMO** — O Motoclube de Espinho tomou a visitar a nossa Casa, em 28 de Setembro. Chegaram às 14 horas. Concentraram-se em frente à casa quatro distribuindo chapéus e levaram os nossos a desfrutar o prazer de andar de moto pela nossa quinta. Às 16,30 h, ofereceram-nos uma merenda e, de seguida, umas voltas mais pela avenida principal.

Até para o ano e muito obrigado por tudo. Não é todos os dias que andamos de moto!

«Albufeira»

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Terminou o período de férias. Tentamos agora recuperar energias afastando-nos um pouco do stress da vida. Vamos continuar a caminhada, dando apoio aos mais carenciados.

Neste momento, ajudamos um pai cheio de problemas. Os filhos fogem de casa e não sabe o que fazer. Tentamos descobrir o motivo dessas fugas, mas ambos mentem e estamos preocupados que sejam desencaminhados por más companhias. Quanto à menina, procuramos acolhimento num colégio para que se afaste daquele ambiente. E quanto ao rapaz, é mais difi-

cil... Confiamos que as coisas se irão compor.

Temos outra família que reside na R. Francisco Rocha Soares que continua aguardando a visita da assistente social da freguesia para ver e confirmar as condições em que vivem, num quatinho alugado com 2,5x2,5 m, no qual dormem, comem e cozinham. É degradante, mas esperamos que a senhora cumpra a sua palavra.

Há dificuldade de estabelecer, ainda que de longe e mesmo de muito longe, a proporção entre as necessidades e o socorro prestado. Existe, contudo, um meio de minorar esse sofrimento: atribuir às pobres famílias, ao menos, uma parte das vossas despesas supérfluas.

Nos povos modernos introduzem-se hábitos, indiferentes em si mesmos, que acabam por ficar dispendiosos. Vamos dar as mãos e tentar minorar os sofrimentos dos mais carenciados dentro das nossas e vossas possibilidades. Contamos convosco!

**DONATIVOS** — Maria de Fátima, 30.000\$00. José A. Eça, 10.000\$00. Anónimo, 2.000\$00.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

## TOJAL

**REGRESSO** — A senhora D. Lídia já regressou das merecidas férias após um ano muito atarefado.

O «Pingo Doce» após uns meses fora de casa voltou para junto de nós.

**CAMPO** — As couves continuam a crescer para darem boas sopas.

Já iniciámos a colheita da azeitona.

**AGRADECIMENTO** — A nossa gratidão a todos os Amigos que atenderam os nossos pedidos de material desportivo e escolar.

**JOGOS** — Os grupos que desejarem competir connosco, em futebol, independentemente do escalão etário, façam o favor de contactar: César Duarte Ferreira, Casa do Gaiato — Santo Antão do Tojal — 2670 Loures. Telef. 01-9749019.

Arnaldo Santos

## Inocência!

«Dedicado a Madre Teresa de Calcutá, Senhora de um perfil único de Inocência, no sentido de Pureza e Graça, nunca no de ingenuidade e de cegueira.»

Inocência!  
Volta a ser pura ideia  
De mudança em cadeia!  
Sai da clandestinidade  
E vem para a legalidade!  
Como podes perdoar  
A estupidez da civilização?  
Volta a ser Liberdade  
E renega a podridão!

Inocência!  
Volta a orientar  
O presente mais o futuro  
Deste mundo  
Em decomposição.  
Volta a ser para a humanidade  
Chuva límpida,  
Terra da Fertilidade  
E actos de Vida Digna!

Inocência!  
Volta a ser Beleza e Graça  
No desporto e nas Artes!  
Volta a ser inteligência  
E transparência  
No submundo dos negócios!  
Volta a ser Emoção,  
Sensibilidade e Paixão  
Na perpetuação humana!  
Volta a ser infância feliz  
E lembranças com raiz...  
Nos cinismos mórbidos!

Manuel Amândio

## TRIBUNA DE COIMBRA

# Amor fraterno

**VISITAS.** São uma constante. Um traço adicionalmente marcadas (Terceiros Franciscanos de Tomar, Comunidades de Castelo Branco, Escolas de toda a parte, etc.), entre outras. Algumas são esporádicas ou fazem parte do roteiro de uma excursão ou passagem por estas bandas da serra. São sempre bem vindos todos estes nossos Amigos. Dão-nos prazer e levam também consigo uma mensagem de amor fraterno e cristão. Não poderia deixar de ser assim.

Referimo-nos hoje particularmente a duas delas, recentes. Os Lions de Coimbra e as Comunidades Cristãs de Castelo Branco.

Os Lions, é a primeira vez que me lembro de se organizarem e aparecerem. Fizeram-

-no muito bem e com os motivos de bem-fazer que lhe são peculiares. Vieram entregar o produto da sua contribuição que se concretizou na oferta de um aparelho de cozinha: uma picadora eléctrica. Foi uma tarde muito agradável para todos. Muitos nunca tinham escutado a profundidade do pensamento de Pai Américo em matéria social e testemunho de caridade cristã. Seguiram com muita atenção a mensagem proporcionada pelo diaporama. Interessados por tudo o que os rodeava — escola, organização da Casa, número de rapazes, etc., iam



# Setúbal

## Ricardo

O Ricardo quis ser vendedor do nosso Jornal. Respondeu à pergunta feita à comunidade reunida no refeitório: — Quem quer ir para a venda?

Vender o Jornal é uma tarefa sacrificada. Porque é assim, ninguém deve ser obrigado. Não resulta. Então? — Só os voluntários. Nem todos. É necessário algumas provas.

O Ricardo tem dado sobretudo provas de crescimento, maturidade e esforço de autodomínio.

Veio do Bairro 6 de Maio, da Amadora — uma fortaleza de degradação — pela inquietude da sua professora. Nunca teve visitas. Nem a sua mãe nem a sua irmã, ambas escravas do trabalho negro nos modernos prostíbulo.

Despido de hábitos humanos nada parava com ele. Nem regras de higiene e alimentação sem qualquer horário para deitar ou levantar, muito menos ir à Escola, trabalhar ou rezar. O convívio com os outros era pautado pela lei do mais forte.

Por lá, fazia parte de uma quadrilha. Era o cão de fila, na gatinagem, de um grupo de maiores salteadores. Com duas ou três chaves abria todos os carros da 24 de Julho, em Lisboa.

É negro. Vivaço. Generoso e meigo.

Bastaram dois anos nesta Casa para encontrar o princípio do seu equilíbrio. Agora é vendedor. Leva jornais. Recebe dinheiro. Anda com ele pelas ruas da cidade no meio de sedução sem número.

A venda é a prova das provas!

Hoje fui buscar os vendedores às 13,30 h, ao ponto de encontro no nosso Lar. O Ricardo trazia o tronco todo nu e a reluzir ao sol a sua bela negritude. Arfava. Tudo era calor e alegria à sua volta. No escritório deu contas como os outros. Vendeu quarenta jornais e trouxe 3.216\$00.

— Olha que ser vendedor é uma grande responsabilidade! — disse-lhe em tom de elogio. É necessário que não te deixes levar pelo mal.

Cá dentro saboreei uma explosão de alegria que não consigo conter. Ela aí vai para que comungues comigo.

## Casamento

O casamento do José Arlindo e da Paula Alexandra foi uma grande festa de família em nossa Casa.

Um rapaz que se casa e sai da nossa para a sua família de uma forma natural, produz por este acto razões suficientes para todos fazermos festa.

Os noivos prepararam-se natural e sobrenaturalmente e a celebração decorreu com brilho invulgar.

O coro entusiasmado tocou e cantou, dando à nossa magnífica capela um ambiente de júbilo celeste.

A boda foi confeccionada pelos rapazes com antecedência, e servida por eles, a sair do fogão e do forno, fresquinha.

O espanto dos convivas que, pela primeira vez, participaram num casamento em nossa Casa era geral: — *Nunca vi uma coisa assim!*...

## Pecuária

COM enorme sacrifício estamos a renovar as nossas instalações pecuá-

rias. Ou melhor, estamos a construir novas e a aproveitar algumas velhas.

É uma loucura investir, hoje, no gado vacum. Nem de longe nem de perto se consegue rendibilizar racionalmente um investimento destes. Para economizar, não nos furtamos a todos os sacrifícios e aproveitamos todas as ajudas como são o cimento que a Secil nos dá, a areia que vamos buscar nos nossos tractores a um areeiro pertinho de nós por metade do seu valor, e sobretudo o nosso trabalho.

Queremos continuar a produzir leite e carne utilizando processos honestos sem as aldrabices hormonais correntes.

Verdadeiramente, entre nós, só os criadores que alimentam à parte uma res para si e para a família, comem carne de vaca sem hormonas. O preço desta ao criador, caiu no mercado de tal modo que só os desonestos podem viver da sua actividade. Os sérios que rejeitam prejudicar a saúde pública estão arrumados. E não há fiscalização que nos valha. Aliás, as autoridades sanitárias não se metem no assunto. É o deixa correr.

É injusto vender por um terço do seu valor a nossa magnífica carne.

Vamos enviá-la ao matadouro público onde é morta e inspeccionada. Será desmanchada num talho de pessoa amiga e competente e vendida a quem no-la encomendar. Convém que as famílias se juntem para que as porções sejam maiores. O nosso telefone é 065-501227.

Padre Acílio

perguntando e meditando. É uma atitude nem sempre presente em quem nos visita. Refletir. Ir para além do que se vê. No final da tarde tocou a sineta e, com a Comunidade toda reunida, foi a «nossa» merenda. «Nossa», mas encomendada pelos ilustres visitantes a um hotel de Coimbra. Uma variedade imensa de sabores, bebidas e doces. Coisas, afinal, a que grandes e pequenos não resistem...! Foi uma bela tarde e um bom encontro, simples, cordial, como convém para que a mensagem passe. Prometeram voltar.

O outro encontro é já tradicional. De Castelo Branco. À moda da Beira. O bom farnel a condizer sempre com a qualidade de quem o confeccionou e reparte. Deste, pouco há acrescentar ao que já experimentámos em outros anos. Este ano, uma nota curiosa: os velhos Amigos começam a fraquejar da vista e das pernas... mas deixaram substitutos. Isto é maravilhoso! A mensagem de bem-fazer é para deixar rastilho. O Bem não deve morrer com quem o pratica... Os novos que vieram são fruto dessa passagem

de testemunho. Mas tivemos saudades dos que ficaram. O lugar de um Amigo é sempre único e, por mais pareências, é também sempre diferente. Não os esquecemos na Eucaristia, o Lugar do grande encontro com o Pai.

Faz tanta falta às comunidades humanas o encontro vivo com os Pobres e sofredores... Faz tanta falta a cada um de nós, individualmente também. É certo: muitas vezes tememo-lo. A nossa contigência e debilidade saltam à vista e isso fere-nos. O confronto é inevitável. Preferimos ficar nos nossos castelos. É mais tranquilo; porém, muito mais perigoso.

E, se de Comunidades cristãs falássemos? É quase uma obrigação imposta pelo próprio Evangelho: «Eu estava nu...». Nem sempre é assim. No centro dos planos pastorais a necessária e — muito bem — inevitável cultura da fé: conhecer inteligentemente o que se crê. Mas não pode faltar — a par — amar o que se acredita: «Foi a Mim que o fizestes...».

Padre João

## DOCTRINA

*Não te canses  
e atende-me, que  
o frio da gente pobre  
com pouco  
se remedeia.*



A minha porta, possa dizer com verdade como o coxo da piscina, ao Mestre: — Não tenho homem que me ajude, Senhor! Não quero.

NA última semana do último Agosto, fui ao Palácio da Independência onde me convidaram a visitar uma colónia de ardinas nas vizinhanças de Sintra. Veio um táxi e deslizámos por uma das portas de Lisboa. Ficavam para trás vilas, povoações, lugares cujo nome ignorava, mas não quis perguntar, a fingir que sabia; e grandes tratos de chãos de trigo, terras secas e pardas. Tudo à beira-mar plantado, sim, mas não jardins, como querem os poetas. O sol ardia. Era um acampamento feito de tendas e, dentro, trinta ardinas de Lisboa e oito rapazes da mocidade. Havia despensa, farmácia, secretaria; a Pátria flutuava no meio. Cozinha e refeitório eram um nadinha afastados, debaixo do céu. Fomos para a mesa; eu também comi. A refeição era soberba para o ardina afeto a comer sem horas nem garfo; não assim para os graduados. Eu pasmei e falei. «Que não», disse o chefe; «se não fosse assim, não vinha nenhum de nós». São todos estudantes de Institutos Superiores, com família à espera e férias regaladas. «Este é o segundo turno que eu faço e para o ano volto», ouvi eu da boca de um deles, do Algarve.

O táxi que nos trouxera, voltou pelo mesmo caminho ao mesmo lugar; e aquela meia hora de percurso foi só minha, a ruminar o que tinha visto com meus olhos e ouvido com meus ouvidos. O ardina de Lisboa vê agora necessariamente um amigo em cada graduado e corre para ele onde quer que o encontre. Porquê? Porque o graduado se fez ardina. Não conquistou Deus os homens, senão somente por Se ter feito homem. Ai a chispa das juventudes onde se encontram originalidade, rasgos, intuição, sacrifício — «eu quero voltar para o ano»!

QUANDO na cidade de Coimbra se levantaram as pedras das ruas a impedir que se fizessem Colónias de campo para garotos das ditas, levantou-se com elas, mais alto do que elas, a voz de um moço de dezoito, aluno do Colégio Militar e hoje nas Colónias: — *Vamos, Padre, não tenha medo!* Quem manda hoje no Lar do ex-Pupilo, feito de rapazes que trazem dos Reformatórios a nota de desqualificados?, que ele é muito mais fácil apontar no livro os defeitos de cada um do que corrigi-los. Quem manda? Um deles. Quem obedece? Todos, religiosamente.

*P. Amín. 5!*

(Do livro *Pão dos Pobres* — 3.ª vol. — Campanha de 1941 a 1942)

## Notas do tempo

Continuação da página 1

Depois celebra a Igreja os Anjos da Guarda, para recordar os quais nem encontra textos mais expressivos dos que escolheu para retratar Terezinha — e os repete. E logo a seguir Francisco de Assis e a sua paixão pela «Dama

Pobreza», potencial do seu impacto que o tempo não desgastou. E Teresa de Ávila e o Evangelista Lucas e os Apóstolos Simão e Judas. E todo o mês sob o signo de Maria, na invocação de Senhora do Rosário, Ela mesma, depois do Filho, a Mestra maior da Pequenez Evangélica.

Propício, em verdade, este mês de Outubro para uma reflexão fundada em Vidas que nos estimulam a trocar as voltas aos iludidos conceitos do mundo como, «naquele tempo», Jesus passou por entre os que queriam precipitá-lo do alto de um monte (Ainda não chegara «a Sua Hora»!) — «e seguiu o Seu caminho».

Padre Carlos



## CALVÁRIO

# A visão que gostaríamos tivessem aqueles que nos conhecem

A capacidade de conhecer é variada entre os homens. Nos caminhos do conhecimento uns vão longe, outros esbarram com entraves e muitos nem passos dão.

Ora o mistério de Deus e a revelação d'Ele ao homem não são para serem absorvidos apenas pela inteligência, mas para serem intuídos pelo homem todo — inteligência, vontade, coração. O entendimento do mistério de Deus é sobretudo dádiva do Espírito a quem está aberto ao transcendente e se deixa penetrar por ele.

Por isso, os iletrados, os simples, os vazios de si mesmo, por vezes vão longe neste entendimento.

*«Dou-te graças, ó Pai, porque escondestes estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos»* — afirma Jesus.

Neste pequeno mundo de gente simples, como é o nosso, o sentido de Deus é dado adquirido por muitos doentes cuja vida sabem estar nas Suas mãos.

A paz que desfrutam está nesta certeza, neste saber que Ele os ama e os quer como são, aqui e lá onde Ele mora. Este saber está, pois, fora do tempo.

A pedagogia de Pai Américo continua viva desde que ele consagrou a sua Obra ao Nome do Filho de Deus.

O pão que comemos é dádiva Sua.

*«Deus deve ser muito nosso amigo. Manda-nos coisas tão boas»* — exclamam,

por vezes, alguns ao lembrarem a penúria dos anos em que sofreram falta de alimentos.

O amor e entejada de uns aos outros é vista como o carinho de Deus pelos desprotegidos. Se vão encontrar-se depois, porque não amarem-se hoje para que o amor perdure além da morte?

*«Deus ainda nos vai dando forças para ajudar!»*

A doença é prova que Deus manda. Aceitá-la é acolher a Sua vontade. Mas aceitar a doença também é prova do amor que se tem para com Aquele que a manda.

*«Não quero sedativos. Deixe-me sofrer. Já cá estarei pouco tempo e tenho de aproveitar para mostrar amor a Deus como Jesus»* — confidenciou-me Olinda,

cancerosa, nos últimos dias do seu viver entre nós.

A liberdade interior é condição para alguém se deixar invadir por Deus e ser capaz de olhar a vida como etapa no caminho do Além.

*«Sabe?, já lá tenho todos os meus. Aguardo também que Ele me chame para me juntar a eles»* — desabafa uma carcomida velhinha.

E sem o exprimirem, muitos falam de Deus com o seu sorriso sereno, com a sua paz, com o seu viver em quietude, com o seu amor dedicado, desinteressado.

Deus está aqui a confundir os fortes e os sábios fazendo com que o labor diário seja executado por

quem humanamente o não pode fazer.

Uma mongolóide franzina e pequena consegue distribuir o comer aos doentes com jeito, meiguice, carinho e paciência rara.

Um outro, fisicamente semelhante àquela, executa tarefas idênticas e na perfeição e sentido de responsabilidade imprevisíveis.

Os homens põem Deus fora da sua vida. Não contam com Ele. É a tendência reinante nos dias de hoje. Mas à boa maneira bíblica vetero-testamentária, há que encontrar Deus na vida que levamos para que ela tenha sentido. Porque é aí que Deus se encontra e nos é dado encontrar-l'O. Pois é nela que os simples a descobrem.

A Obra da Rua não nasceu no pensamento de Pai Américo porque ele se comoveu com a miséria humana e somente por isso. Mas porque descobriu que por detrás do Pobre, do Rapaz da Rua, do Doente está Cristo. E era a Ele que socorria, que amparava, que amava.

Esta é a visão que gostaríamos que tivessem aqueles que nos conhecem. Esta é a descoberta que desejamos que façam aqueles que nos visitam — a presença de Deus evidente e viva naqueles que se encontram connosco. Uma visão de superfície não basta para quem é inteligente, muito menos para quem se afirma cristão.

Padre Baptista

## ENCONTROS em Lisboa

# Pequeno gesto

DESDE que cheguei à Casa do Gaiato, tem-me acontecido uma coisa que levei muito tempo a interpretar. O nosso rapaz que tem como obrigação servir na salinha, ao pôr a mesa, coloca-me, com muita frequência, um garfo de sobremesa em vez de um garfo normal. Chamado à atenção, não tem explicação e fica muito admirado de eu não compreender. Tendo o fenómeno acontecido não só com um mas com vários, fui tentando entender. Hoje não reclamo, aceito e fico contente. Um deles, surpreendido com a minha pergunta só disse: *«É o mais bonitinho»*. Percebi que dessa maneira me querem muito e o manifestam neste pequeno gesto: o garfo sendo pequenino e o mais bonitinho está à sua altura, também eles pequeninos e bonitinhos; e com a maior simplicidade procuram para mim o melhor. A isto chama-se amor, humanidade e eu fico todo feliz de ser amado.

Hoje, este pequenino gesto dos meus miúdos não será muito compreendido na nossa sociedade. Só coisas grandes. Aparecem os nomes: hiper, super, mega... Sempre tudo muito grande, muito distante, muita multidão, muito desumano. No entanto, todos nós estamos desejosos de sermos conhecidos e reconhecidos, de sentirmos de perto alguém à nossa altura que nos chame pelo nome, se nos dirija como se não houvesse mais ninguém, como se fôssemos únicos. Estou em crer que entre o gesto pequenino e os monstros empresariais, comerciais e habitacionais que as nossas economias produzem, se estabelece a fronteira entre a humanidade e a desumanidade. Talvez precisemos das duas, mas creio que por causa das grandezas estamos a perder a humanidade vivida nos pequenos gestos do dia-a-dia...

No meio deste amontoado de contradições surgiram-me três direcções de reflexão que

se completam e constituem caminhos de humanidade espiritual.

Primeiro, S. Paulo e o hino à caridade. Vejamos, existem os gestos grandiosos: dar os bens, entregar o corpo às chamas... mas, se não houver o amor nos pequenos gestos, num sorriso, num cumprimento, numa flor, num mudar de fralda, num dar um medicamento, num lavar as mãos, num abotoar de um botão, num ajudar a calçar uns sapatos, num dar a mão... diz S. Paulo, nada valem.

No seguimento de S. Paulo temos Santa Teresinha do Menino Jesus (acabámos de celebrar o seu centenário). Perguntou-se o que poderia fazer na Igreja e descobriu que a Igreja pede é Amor. Não resisto a transcrever:

*«O que ela (Teresinha) pede é o Amor... Já só sabe uma coisa: Amar-te ó Jesus! As obras deslumbrantes são-lhe interditas. Não pode pregar o Evangelho, nem derramar o seu sangue... Como testemunhará o seu Amor, já que o Amor se prova com obras? Pois bem, a criancinha (Teresinha) lançará flores, perfumará com os seus aromas o trono real, e cantará, com a sua voz argentina o cântico do Amor... Assim se consumirá a minha vida... Não tenho outro meio de Te provar o meu amor, senão o de lançar flores, isto é, não deixar escapar nenhum pequeno sacrifício, nenhum olhar, nenhuma palavra; aproveitar todas as mais pequenas coisas e fazê-las por amor... Quero sofrer por amor e gozar por amor. Assim lançarei flores diante do Teu trono. Não encontrarei nenhuma sem a desfolhar para Ti... E depois, ao lançar as minhas flores cantarei...»*

Foi a *petite voie*, o caminho pequenino, o *caminhinho* que Teresinha encontrou para a santidade. Hoje, Doutora da Igreja, creio que continuará a lançar sobre nós a *chuva de rosas*.

Em terceiro lugar aparece-me Madre Teresa de Calcutá. Quando perguntada sobre grandes realizações, grandes organizações, grandes mudanças sociais, a multidão dos Pobres, com alguns cambiantes a resposta era esta: *«Eu nunca cuido das massas em geral mas só de uma pessoa. Se olhasse para as massas, nunca começaria»*.

Onde me levou o garfo pequenino que os meus miúdos me colocam?! Quanto gosto deste gesto e quanto ele me torna homem.

Padre Manuel Cristóvão

## PENSAMENTO

As almas que me escutam, tais confidências me fazem que eu sinto e colho a certeza de que o meu pedir é dar.

PAI AMÉRICO

## MEMÓRIA

# Cento e dez anos

HABITUALMENTE, assinalamos o *dies-natalis* — 16 de Julho — o mais importante da vida de Pai Américo porque foi chamado ao Céu.

Hoje, contudo, vale a pena evocar o seu nascimento e o Baptismo também. Sendo ali oferecido ao mundo pelo Criador, aqui é incorporado em Cristo, na Igreja e na vida nova em Cristo — Amigo pródigo que anunciou apaixonadamente por todo o lado, mai-la Sua Mensagem.

Pai Américo nasceu a 23 de Outubro de 1887, pela uma hora da noite, na Casa do Bairro de Baixo, freguesia do Salvador de Galegos, concelho de Penafiel, distrito do Porto, sendo o último de oito irmãos. Tivemos a graça de conhecer alguns deles: o senhor Padre José, arqueólogo e perito em línguas orientais; o senhor Joaquinzinho do Bairro, agricultor-proprietário; a senhora D. Maria, da Casa da Várzea, em Cête; o senhor Jaiminho, de Antelagar — Paço de Sousa, homem culto que foi empregado superior na Companhia da Zambézia (Moçambique).

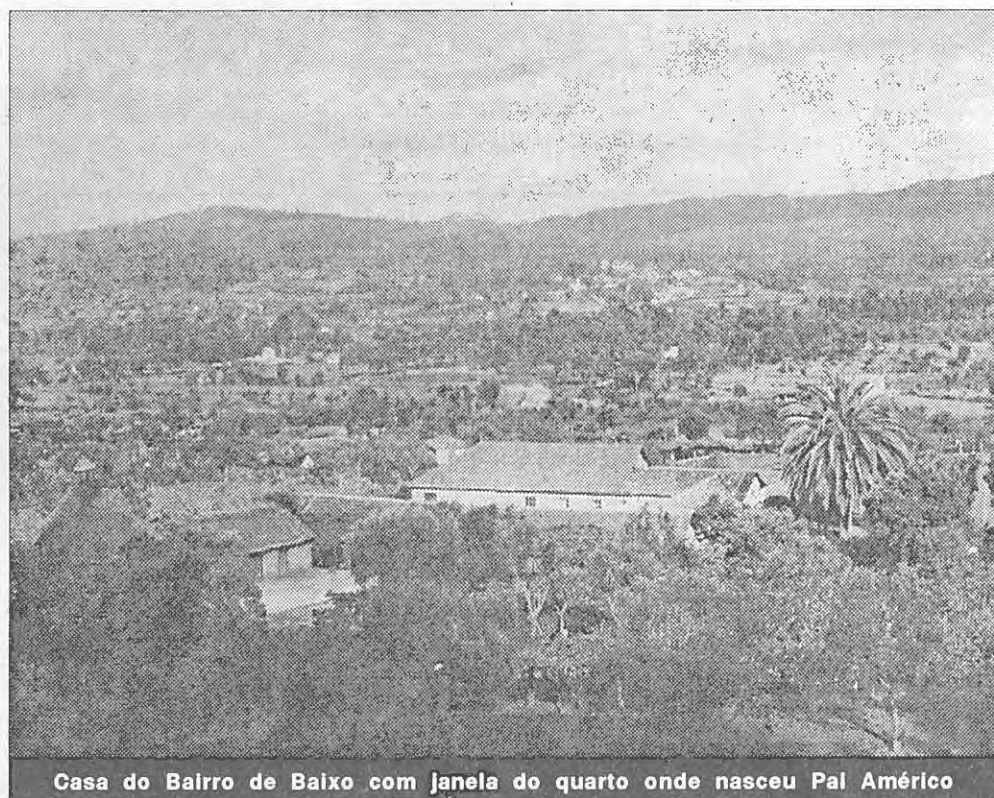
Foi Mãe da numerosa família D. Teresa Ferreira Rodrigues; e Pai o senhor Ramiro Monteiro de Aguiar.

A Casa do Bairro de Baixo é conhecida, pela sua história, desde a segunda metade do século XVI, ao tempo de Gonçalo Vaz, o Galego, casado com Helena Manuel, que a transmitiram e até hoje se conserva propriedade da sua descendência.

Eis uma curiosa descrição do torrão natal feita pelo punho de Pai Américo, no *Lume Novo*, do Seminário de Coimbra, em 1928:

*«Que lindo sítio e que linda casa, aquela em que nasci. Por detrás, estende-se uma mata cheia de sombra e de pinheiros; à frente correm os prados verdejantes, uns após outros, até se perderem muito longe, na margem dum ribeirito que os limita; e lá mais longe ainda, muito ao longe, o céu fecha o horizonte pousando no dorso da serra de Luzim! Tão lindo o sítio; tão linda a casa!»*

Foi baptizado a 4 de Novembro de 1887 com o nome de Américo, na igreja paroquial do Salvador de Galegos, diocese do Porto, pelo Padre António da Rocha Reis, pároco



Casa do Bairro de Baixo com janela do quarto onde nasceu Pai Américo

da freguesia. Nome dado em homenagem ao Cardeal D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto de 1871 a 1899. Padrinhos: Joaquim da Rocha, segundo tio

por afinidade e sua irmã Maria Ferreira Monteiro de Aguiar.

Eis a memória, cento e dez anos depois.

Júlio Mendes